

a revelação do bobo

saga assassino e o bobo / livro 2

robin hobb

Tradução de Jorge Candeias



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

*A Rudyard. Ainda o meu Mais Amado
depois de todos estes anos*





Ilha Gancho

Ilha do Cravo

Ilha Beche

Fundos Altos

Angra de Marteleira

Ilha do Linho

Ilha da Armação

Baixios de Maré

Ilha da Fenda

Lencó ao Vento

Ilha da Garra

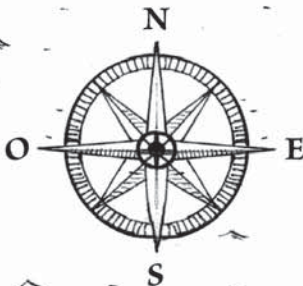
Limpa

Ilha de Vigia

Seis Ducados

Fronteira

Torres



CAPÍTULO 1

Véspera do Festival de Inverno em Torre do Cervo

Estou quente e em segurança no covil, com os meus dois irmãos. Eles são ambos mais animados e mais fortes do que eu. Nascido por último, sou o mais pequeno de todos. Os meus olhos levaram tempo a abrir e eu fui a menos aventureira das crias. Tanto o meu irmão como a minha irmã atreveram-se, por mais de uma vez, a seguir a minha mãe até à entrada do covil profundamente escavado na margem erodida do rio. De todas as vezes, ela rosnara e fingira mordê-los, obrigando-os a recuar. Deixa-nos sozinhos quando sai para caçar. Devia haver um lobo a tomar conta de nós, um membro mais novo da alcateia que permanecesse connosco. Mas ela é tudo o que resta da alcateia, por isso tem de sair para caçar sozinha e nós temos de ficar onde ela nos deixa.

Chega um dia em que ela se liberta de nós muito antes de ficarmos saciados com o seu leite. Abandona-nos, partindo para caçar, deixando o covil quando começa a tardinha, para ir percorrer furtivamente o território. Ouvimos dela um único latido. E é tudo.

O meu irmão, o maior de nós, está cheio tanto de medo como de curiosidade. Gane ruidosamente, tentando chamá-la para junto de nós, mas não há resposta. Começa a avançar até à entrada do covil e a minha irmã segue-o, mas um momento depois regressam à pressa e encolhem-se cheios de medo a meu lado. Há cheiros estranhos mesmo à porta do covil, cheiros maus, a sangue e a criaturas que nos são desconhecidas. Enquanto nos escondemos e ganimos, o cheiro a sangue torna-se mais forte. Fazemos a única coisa que sabemos fazer. Encolhemo-nos e aninhamo-nos de encontro à parede do fundo do covil.

Ouvimos sons. Algo que não são patas escava à entrada do nosso covil. Parece um grande dente a morder a terra, a morder e a rasgar, a morder e a rasgar. Encolhemo-nos ainda mais e os pelos no cachaço do meu irmão eriçam-se. Ouvimos sons e percebemos que há mais que uma criatura fora do covil. O cheiro a sangue torna-se mais forte e está misturado com o cheiro da nossa mãe. Os ruídos de escavação prosseguem. Então surge outro cheiro. Em anos vindouros virei a saber o que é, mas no sonho não é fumo. É um cheiro que nenhum de nós compreende, e chega em sopros empurrados para dentro do covil. Gritamos, pois ele pica-nos os olhos e suga-nos o ar dos pulmões. O covil fica quente e desprovido de ar e, por fim, o meu irmão arrasta-se para a abertura do covil. Ouvimos os seus latidos desesperados, e como eles se prolongam, e depois aparece o fedor da urina do medo. A minha irmã encolhe-se atrás de mim, tornando-se mais pequena e mais imóvel. E depois já não está nem a respirar nem a esconder-se. Está morta. Eu deito-me, com as patas sobre o focinho e os olhos cegos pelo fumo. Os ruídos de escavação continuam e então há uma coisa que me agarra. Gano e debato-me, mas a coisa agarra-se bem à minha pata dianteira e arrasta-me para fora do covil. A minha mãe é uma pele e uma carcaça sangrenta e vermelha atirada para um lado. O meu irmão está encolhido de terror no fundo de uma gaiola na caixa de uma carroça de duas rodas. Eles atiram-me para junto dele e depois arrastam para fora o corpo da minha irmã. Estão zangados por ela estar morta e dão-lhe pontapés, como se a sua fúria pudesse obrigá-la a sentir agora dor. Depois, protestando contra o frio e a escuridão que se aproxima, esfolam-na e acrescentam a sua pequena pele à da minha mãe. Os dois homens sobem para a carroça e chicoteiam a mula, já a especular sobre os preços a que as crias de lobo poderão chegar no mercado de lutas de cães. As peles ensanguentadas da minha mãe e da minha irmã enchem-me as narinas com o fedor da morte. Aquilo é só o início de um tormento que dura uma vida. Há dias em que somos alimentados, noutros não. Não nos é fornecido abrigo contra a chuva. O único calor é o dos nossos

corpos quando nos aninhamos um contra o outro. O meu irmão, magro das lombrigas, morre numa arena, para onde é atirado para aguçar a ferocidade dos cães de combate. Então fico sozinho. Alimentam-me com refugo, restos ou absolutamente nada. As minhas patas ficam em carne viva de esgravatar a gaiola, as garras racham e os músculos doem do confinamento. Eles batem-me e espicaçam-me para me levarem a atirar-me contra barras que não sou capaz de quebrar. Falam, fora da minha gaiola, dos seus planos de me vender para as arenas de combate. Ouço os sons mas não os compreendo.

Eu compreendi as palavras. Acordei com um espasmo e, por um momento, tudo estava errado, tudo era estranho. Eu estava enrolado numa bola, a tremer, e a minha pelagem fora-me tirada, deixando-me a pele nua, e as minhas patas estavam dobradas em ângulos errados e confinadas por uma coisa qualquer. Os meus sentidos estavam tão amortecidos como se eu estivesse fechado num saco. A toda a minha volta havia os cheiros daquelas odiadas criaturas. Descobri os dentes e, a rosnar, debati-me para sair do que me prendia.

Ainda antes de aterrar no chão, com a manta a cair atrás de mim e o corpo a assegurar-me de que eu era, de facto, um desses odiados humanos, fitei, confuso, a sala escura que me rodeava. Parecia dever ser manhã, mas o chão por baixo de mim não era o tabuado liso de madeira do meu quarto e a sala não cheirava como se me pertencesse. Pus-me em pé devagar enquanto os olhos começavam a adaptar-se. A minha visão esforçada captou o piscar de minúsculos olhos vermelhos e depois traduziu-os para as brasas moribundas de um fogo. Numa lareira.

Enquanto percorria o aposento às apalpadelas, o mundo voltou ao seu lugar à minha volta. Os antigos aposentos de Breu no Castelo de Torre do Cervo emergiram das trevas quando espevitei as brasas e lhes acrescentei alguns paus. Entorpecido, encontrei velas novas e acendi-as, despertando a sala da sua perpétua penumbra. Olhei em volta, deixando que a minha vida me apanhasse. Calculei que a noite passara e que no exterior das paredes grossas e desprovidas de janelas o dia amanheceria. Os terríveis acontecimentos do dia anterior — como quase matara o Bobo, como deixara a minha filha ao cuidado de pessoas em quem

não confiava por completo e depois esvaziara perigosamente Enigma da força de Talento para trazer o Bobo para Torre do Cervo — caíram sobre mim numa maré arrebatadora. Encontraram-se com as memórias absorventes de todos os fins de tarde e noites que eu passara naquela sala sem janelas, a aprender as habilidades e segredos de ser o assassino do rei. Quando os paus finalmente se incendiaram, enriquecendo a magra luz das velas que ardiam na sala, senti-me como se tivesse feito uma longa viagem para regressar até mim. O sonho do lobo sobre o seu horrível cativo estava a desvanecer-se. Perguntei brevemente a mim mesmo por que motivo teria regressado com tal intensidade e depois pu-lo para trás das costas. *Olhos-de-Noite*, o meu lobo, o meu irmão, já partirá há muito deste mundo. Os ecos dele continuavam a viver na minha mente, coração e memórias mas, naquilo que eu enfrentava agora, ele já não me defendia a retaguarda. Estava sozinho.

À parte o Bobo. O meu amigo regressara para junto de mim. Maltratado, espancado e possivelmente enlouquecido, mas estava de novo a meu lado. Ergui bem alto uma vela e fui até à cama que tínhamos partilhado.

O Bobo ainda estava profundamente adormecido. Tinha um ar terrível. As marcas da tortura estavam inscritas na sua cara coberta de cicatrizes, as dificuldades e a fome tinham-lhe gretado e irritado a pele, enfraquecendo-lhe o cabelo até o transformar em palha quebrada. Mesmo assim, parecia melhor do que quando o vira pela primeira vez. Estava limpo, alimentado e quente. E a respiração regular era a de um homem a que acabara de ser dada uma infusão de força. Desejei poder dizer que lha dera. Sem o saber, roubara força a Enigma e transmitira-a ao meu amigo durante a passagem pelo Talento através das pedras verticais. Arrependia-me de como abusara de Enigma, na minha ignorância, mas não podia negar o alívio que sentia por ouvir a respiração regular do Bobo. Na noite anterior ele tivera força para falar comigo e caminhara um pouco, tomara banho e ingerira uma refeição. Era muito mais do que eu teria esperado do maltratado mendigo que vira inicialmente.

Mas força levada emprestada não é verdadeira força. A apressada cura pelo Talento que eu praticara nele roubara-lhe as diminutas reservas físicas, e a vitalidade que eu roubara a Enigma e lhe dera não podia sustentá-lo por muito tempo. Esperei que a comida e o repouso que ele obtivera no dia anterior tivessem começado a reconstituir-lhe o corpo.

Observei-o enquanto dormia tão profundamente e atrevi-me a nutrir a esperança de que sobrevivesse. Movimentando-me rapidamente, apanhei a roupa de cama que arrastara para o chão com a minha queda e dispu-la de forma aconchegante à volta dele.

Estava tão mudado. Fora um homem que amara a beleza em todas as suas formas. O vestuário feito à medida, os ornamentos nos seus aposentos, o dossel e as cortinas, até o laço que prendera atrás da cabeça o cabelo imaculadamente cuidado eram escolhidos com a harmonia e a moda em mente. Mas esse homem desaparecera. Ele voltara para mim como um espantalho esfarrapado. As carnes da sua cara haviam-se reduzido a ossos cobertos de pele. Maltratado, cego, a ostentar as cicatrizes da tortura, o Bobo fora tão transformado pelas dificuldades que eu não o reconhecera. Fora-se o bobo hábil e ágil com o sorriso trocista. Também se fora o elegante Dom Dourado com as suas roupas de qualidade e modos aristocráticos. Restava-me aquele desgraçado cadavérico.

Os seus olhos cegos estavam fechados. A boca, entreaberta à largura de um dedo. A sua respiração assobiava a entrar e a sair. “Bobo?”, disse eu, e sacudi-lhe cuidadosamente o ombro. A única resposta foi uma ligeira descontinuidade na respiração. Depois suspirou, como que a desistir da dor e do medo, antes de reatar a respiração regular do sono profundo.

Ele fugira à tortura e viajara, por entre dificuldades e privações, para vir ao meu encontro. A sua saúde estava quebrada e ele temia uma perseguição mortífera. Eu não compreendia como conseguira ele fazê-lo, quebrado e cego. Mas fizera-o, e por um propósito. Na noite anterior, antes de ter cedido à inconsciência, pedira-me para matar por ele. Queria que regressássemos a Clerres, à sua antiga escola, para junto das pessoas que o tinham atormentado. E, como favor especial, pedira-me para usar as minhas antigas habilidades de assassino para os matar a todos.

Ele sabia que eu deixara essa parte da vida para trás. Era um homem diferente, um homem respeitável, um gerente da casa da minha filha, o pai de uma menininha. Já não um assassino. Deixara a matança para trás. Haviam-se passado anos desde que fora esguio e tivera os músculos dos braços tão duros como o coração de um matador. Agora era um cavalheiro do campo. Ambos tínhamos mudado tanto.

Ainda me conseguia recordar do sorriso trocista e do olhar

relampejante que lhe tinham em tempos pertencido, ao mesmo tempo encantadores e enfurecedores. Ele mudara, mas eu confiava ainda o conhecer naquilo que era importante, nas coisas que ultrapassavam os fatos triviais, tais como onde nascera ou quem tinham sido os seus pais. Conhecia-o desde que éramos novos. Um sorriso amargo torceu-me a boca. Não desde que éramos crianças. Sob certos aspetos, duvidava que algum de nós tivesse realmente sido criança. Mas os longos anos de profunda amizade eram um alicerce de que eu não podia duvidar. Eu conhecia o seu carácter. Conhecia a sua lealdade e dedicação. Conhecia mais dos seus segredos do que qualquer outra pessoa e guardara esses segredos tão cuidadosamente como se fossem meus. Vira-o em desespero e incapacitado de terror. Vira-o quebrado de dor e vira-o bêbado até à choraminguice. E mais do que isso, vira-o morto e trouxera o seu corpo de volta à vida e chamara o seu espírito de volta para habitar esse corpo.

Portanto conhecia-o. Dos ossos até à pele.

Pelo menos era o que julgara.

Respirei fundo e suspirei, mas não houve qualquer alívio da tensão que sentia. Estava como uma criança, cheio de terror de olhar para a escuridão por causa do medo do que poderia encontrar. Estava a negar o que sabia ser verdade. Eu conhecia mesmo o Bobo, dos ossos até à pele. E sabia que o Bobo faria tudo o que julgasse dever fazer para colocar o mundo num caminho melhor. Ele deixara-me percorrer o fio da navalha entre a morte e a vida, esperara que eu suportasse dores, dificuldades e perdas. Entregara-se a uma morte torturada que julgara ser inevitável. Tudo por causa da sua visão do futuro.

Portanto, se ele acreditasse que alguém tinha de ser morto e não conseguisse matar pessoalmente essa pessoa, pedir-me-ia para o fazer. E carregaria o pedido com aquelas terríveis palavras. “Por mim.”

Virei-lhe as costas. Sim. Ele pedir-mo-ia. A última coisa que eu desejava voltar a fazer. E eu diria que sim. Porque não podia olhar para ele, quebrado e angustiado, sem sentir uma vaga de ira e ódio. Ninguém, ninguém podia ser autorizado a magoá-lo tanto como o tinham magoado e continuar a viver. Não se podia permitir que sobrevivesse alguém tão privado de empatia que fosse capaz de atormentar sistematicamente e degradar fisicamente outra pessoa. Tinham sido monstros a fazer-lhe aquilo. Independentemente de quão humanos pudessem

parecer, aquelas provas do seu trabalho diziam a verdade. Eles tinham de ser mortos. E eu fá-lo-ia.

Desejava fazê-lo. Quanto mais tempo olhava para ele, mais desejava partir e matar, não rápida e discretamente, mas de forma suja e ruidosa. Queria que as pessoas que lhe tinham feito aquilo soubessem que estavam a morrer e que soubessem porquê. Queria que elas tivessem tempo para se arrepender do que tinham feito.

Mas não podia. E isso dilacerava-me.

Teria de dizer que não. Porque, por mais que gostasse do Bobo, por mais profunda que fosse a nossa amizade, por mais furiosamente quente que ardesse o meu ódio, Abelha tinha o direito primeiro à minha proteção. E dedicação. Já as infringira, deixando-a ao cuidado de outros enquanto eu salvava o meu amigo. A minha rapariguinha era tudo o que me restava agora de Moli, a minha mulher. Abelha era a minha última possibilidade de ser um bom pai, e nos últimos tempos não me andava a sair lá muito bem nisso. Há anos, eu falhara para com Urtiga, a minha filha mais velha. Deixara que ela julgasse que outro homem era seu pai, entregara-a a outra pessoa para que a criasse. Urtiga já duvidava da minha capacidade para cuidar de Abelha. Já falara de afastar Abelha dos meus cuidados e trazê-la para ali, para Torre do Cervo, onde poderia orientar a sua educação.

Não podia permiti-lo. Abelha era demasiado pequena e demasiado estranha para sobreviver no meio da política do palácio. Tinha de a manter em segurança, comigo, em Floresta Mirrada, num solar rural calmo e seguro, onde podia crescer tão devagar e ser tão estranha como quisesse. E tão maravilhosa. Portanto, embora a tivesse deixado para salvar o Bobo, seria só daquela vez e só durante um curto período. Voltaria para junto dela. Se o Bobo recuperasse o suficiente, talvez, consolei-me, pudesse levá-lo comigo. Levá-lo para a calma e conforto de Floresta Mirrada, deixá-lo encontrar lá a saúde e a paz. Ele não estava em condições para fazer uma viagem de regresso a Clerres, muito menos para me ajudar a matar quem quer que lhe tivesse feito aquilo. A vingança, bem o sabia, podia ser adiada, mas a vida de uma criança em crescimento não. Eu tinha uma oportunidade de ser pai de Abelha e esse momento era agora. Em qualquer altura poderia ser assassino para o Bobo. Portanto, por agora, o melhor que lhe podia oferecer era paz e cura. Sim. Essas coisas teriam de vir primeiro.

Durante algum tempo, vagueei em silêncio pelo covil dos assassinos onde passara muitas horas felizes de infância. A desarrumação de um velho dera lugar às metódicas capacidades organizativas da Dama Rosamaria. Agora era ela quem geria aqueles aposentos. Estavam mais limpos e mais agradáveis, mas eu tinha saudades dos projetos desordenados de Breu e dos montes de pergaminhos e remédios. As prateleiras, que em tempos continham qualquer coisa desde um esqueleto de serpente até um bocado de osso transformado em pedra, mostravam agora um arrumado conjunto de garrafas e boiões rolhados.

Estavam claramente etiquetados com a letra elegante de uma senhora. Aqui havia levame e casco-de-elfo, valeriana e acónito, menta e banha-d'urso, sumagre e dedaleira, cindim e fumo de Lavra. Um boião estava etiquetado como casco-de-elfo das Ilhas Externas, provavelmente para o distinguir da muito mais suave erva dos Seis Ducados. Um frasco de vidro continha uma mistura vermelha-escura que rodopiava de forma perturbadora ao mais ligeiro toque. Havia nela fios de prata que não se misturavam com o vermelho mas também não fluuavam como óleo em água. Nunca vira mistura semelhante. Não tinha etiqueta e eu voltei a pô-la cuidadosamente no suporte de madeira que a mantinha direita. Havia certas coisas que era melhor deixar em paz. Não fazia ideia do que seria raiz de caruge, nem sangradora, mas ambas tinham minúsculos crânios vermelhos desenhados ao lado dos nomes.

Na prateleira de baixo havia almofarizes e pilões, facas para cortar, peneiras para coar e vários pequenos tachos pesados para derreter gordura. Havia colheres de metal manchadas, bem arrumadas. Por baixo havia uma fila de pequenos potes de barro que a princípio me confundiram. Não eram maiores do que o meu punho, e estavam esmaltados com um castanho brilhante, à semelhança das tampas bem apertadas. Mas estavam selados com alcatrão, à exceção de um buraco no meio de cada tampa. Um cordel de linho retorcido e encerado emergia de cada buraco. Sopesei cautelosamente um deles e compreendi. Breu dissera-me que as suas experiências com o pó explosivo tinham feito progressos. Aquilo representava os seus avanços mais recentes no modo de matar pessoas. Devolvi cautelosamente o pote ao lugar. As ferramentas do ofício de matar que eu abandonara enfileiravam-se como soldados fiéis. Suspirei, mas não com pena, e virei-lhes costas. O Bobo continuava a dormir.

Pus os pratos do nosso repasto noturno numa bandeja e fiz o resto das arrumações necessárias no aposento. A banheira cheia de água, agora fria e cinzenta, ficou onde estava, tal como a roupa interior repentinamente suja que o Bobo usara. Nem sequer me atrevi a queimá-la na lareira com receio do fedor que ela emitiria. Não senti repugnância, só piedade. A minha roupa do dia anterior ainda estava coberta de sangue, tanto de um cão como do Bobo. Disse a mim mesmo que não se notava assim tanto no tecido escuro. Depois, pensando melhor, fui investigar o velho guarda-roupa esculpido que sempre se mantivera ao lado da cama. Numa certa época, só contivera as túnicas de trabalho de Breu, todas de uma funcional lã cinzenta e a maioria manchada ou chamuscada devido às suas intermináveis experiências. Agora só lá estavam penduradas duas túnicas de trabalho, ambas tingidas de azul e demasiado pequenas para mim. Também lá estava, para minha surpresa, uma camisa de dormir de mulher e dois vestidos simples. Um par de calças pretas de lã que me teriam ficado risivelmente curtas. Ah. Aquelas eram as coisas da Dama Rosamaria. Não havia ali nada para mim.

Perturbou-me escapulir-me discretamente do quarto e deixar o Bobo a dormir, mas tinha tarefas a levar a cabo. Suspeitei que alguém seria mandado fazer a limpeza e reabastecer o quarto e não gostava de o deixar lá inconsciente e vulnerável. Mas chegado àquele ponto, sabia que devia a Breu a minha confiança. Ele fornecera-nos tudo na noite anterior, apesar dos seus deveres urgentes.

Os Seis Ducados e o Reino da Montanha procuravam negociar alianças e, para esse fim, poderosos representantes tinham sido convidados a vir ao Castelo de Torre do Cervo durante a semana do Festival de Inverno. Contudo, mesmo a meio de uma noite de celebração, música e dança, não só Breu mas o Rei Respeitador e a mãe, a Dama Kettricken, tinham arranjado tempo para se escapar e vir-me cumprimentar e ao Bobo, e Breu ainda arranjara maneira de ter aquele aposento bem abastecido com tudo aquilo de que precisávamos. Ele não seria descuidado com o meu amigo. Quem quer que enviasse àquele quarto seria discreto.

Breu. Respirei fundo e tentei contactá-lo com a magia do Talento. As nossas mentes roçaram uma pela outra. *Breu? O Bobo está a dormir e eu tenho umas coisas que queria...*

Sim, sim, está bem. Agora não, Fitz. Estamos a discutir a situação de

Kelsingra. Se eles não estão dispostos a controlar os dragões, podemos ter de formar uma aliança para lidar com as criaturas. Fiz preparativos para ti e o teu convidado. Há dinheiro numa bolsa na estante azul, se precisares. Mas agora tenho de dedicar a atenção completa a isto. Vilamonte diz que Kelsingra pode estar até em busca de uma aliança com a Duquesa de Calcede!

Oh. Retirei-me. De repente senti-me como uma criança que tivesse interrompido os adultos quando discutiam coisas importantes. Dragões. Uma aliança contra dragões. Aliança com quem? Vilamonte? E o que poderá alguém esperar fazer contra dragões, exceto suborná-los com carne suficiente para os estupidificar? Travar amizade com aqueles carnívoros arrogantes não seria melhor do que desafá-los? Senti-me irrazoavelmente humilhado por não me ter sido pedida a opinião.

E no momento seguinte repreendi-me. Que Breu, Respeitador, Eliânia e Kettricken lidassem com os dragões. *Afasta-te, Fitz.*

Ergui uma tapeçaria e enfi-me no labirinto de corredores secretos que abriam caminho por trás das paredes do Castelo de Torre do Cervo. Em tempos conhecera os corredores de espionagem tão bem como conhecia o caminho até aos estábulos. Apesar dos anos que se haviam passado, o estreito corredor que avançava por paredes interiores, ou ia serpenteando ao longo das paredes exteriores do castelo, não mudara.

Mas eu mudara. Já não era um rapaz magro, ou sequer um jovem. Era um homem de sessenta anos e, embora me julgasse ainda suficientemente em forma para um dia de trabalho duro, já não era ágil nem flexível. As estreitas esquinas por onde em tempos me enfiara sem sequer pensar exigiam agora um pouco de esforço. Alcancei a velha entrada pela despensa e encolhi-me perto da porta oculta, de orelha encostada à parede, à espera de um momento de calma antes de sair de trás de uma estante para carnes cheia de salsichas penduradas.

Só fui salvo pelo caos benigno do Festival de Inverno. Quando saí da despensa para o corredor, uma mulher grande com um avental sujo de farinha exigiu saber o que me estava a demorar tanto. “Encontrei-me a gordura de ganso ou não?”

“Eu... não a vi ali dentro,” respondi, e ela replicou causticamente: “Isso é porque foste à despensa errada! Avança mais duas portas, desce um lanço de degraus, na segunda porta entra na sala fria e procura por ela lá, num grande painel castanho que está numa prateleira. Despacha-te!”

Girou sobre os calcanhares e deixou-me ali. Enquanto se afastava, resmungou sonoramente sobre contratar novo pessoal mesmo antes de um dia de banquete. Eu expirei nervosamente e virei-me para dar de caras com um tipo mais ou menos da minha altura e constituição a avançar penosamente pelo corredor com um pesado painel castanho nos braços. Segui-o enquanto ele entrava nas cozinhas, passei pela porta da cozinha e pelo aroma a pão fresco, a sopas fumegantes e a carnes a assar que de lá se exalava e apressei-me a sair para o exterior.

No movimentado pátio do Castelo de Torre do Cervo, num dia invernosso, eu era apenas mais um homem a apressar-me numa tarefa urgente. Ergui o olhar para o céu, surpreendido. Passava do meio-dia. Dormira muito mais tempo do que pretendia. Uma breve pausa nas tempestades tinha deixado a descoberto o sol do meio-dia, mas com certeza que mais neve se aproximava. Agora arrependia-me de quão impulsivamente me livrara do manto no dia anterior. Teria sorte se regressasse à fortaleza antes de a neve chegar.

Dirigi-me primeiro à enfermaria, na esperança de pedir desculpa em privado a Enigma. Mas a enfermaria estava mais movimentada do que era hábito pois, aparentemente, alguns dos nossos guardas tinham entrado nalguma espécie de rixa na noite anterior. Não havia grandes danos em nenhum deles, exceto um tipo que tinha sido mordido na cara. O ferimento era feio o bastante para fazer qualquer um encolher-se. E de novo o ruído e a desordem foram meus aliados enquanto descobria rapidamente que Enigma já lá não estava. Saí, com esperança de que ele já tivesse recuperado, mas conjecturando que na realidade devia estar a recuperar em algum sítio que fosse mais propício ao descanso. Parei à porta da enfermaria a decidir o que devia fazer de seguida.

Sopesei a bolsa que Breu me deixara. As moedas que esperara gastar para deliciar a minha filhinha ainda pesavam bastante lá dentro... agora suplementadas pelas que Breu me deixara. Eu carregara bem a minha bolsa em Floresta Mirrada, com a intenção de fazer a Abelha todas as vontades naquele dia de mercado em Margem de Carvalhos. Teria sido só ontem? O negrume cobriu-me. O que pretendia que fosse um dia de prazer e complacência terminara em violência e derramamento de sangue. Para salvar a vida do Bobo, mandara-a para casa sem mim, sob os dúbios cuidados do Escriba FitzVigilante e da Dama Esquiva. A pequena Abelha, só com nove anos e parecendo mais ter

seis. Perguntei a mim próprio que espécie de dia estaria ela a ter. Urtiga prometera-me enviar uma ave para a informar de que eu chegara em segurança a Torre do Cervo e eu sabia que a minha filha mais velha nunca me falharia numa tarefa como essa. Portanto, ainda hoje escreveria cartas, a FitzVigilante e a Pândego mas em especial a Abelha. Um mensageiro de primeira num bom cavalo podia fazê-las chegar lá em três dias. Quatro se nevasse mais... Por agora, a mensagem na ave teria de bastar. E enquanto eu tinha aquele tempo disponível, era melhor ir até à Cidade de Torre do Cervo, não só para comprar um novo conjunto de peças de roupa com o dinheiro que recebera de Breu, mas também para comprar presentes a Abelha. Presentes de Festival de Inverno, decidi, para lhe mostrar que tinha pensado nela, apesar de não poder estar com ela. Trouxera a bolsa de Breu comigo. Satisfar-me-ia a mim satisfazendo-a a ela! Mesmo se os meus presentes só lhe chegassem com dias de atraso.

Preferi caminhar até à cidade a pedir pelo Talento a Respeitador ou a Urtiga para me arranjam um cavalo. Os cavalos não caminhavam bem pelas ruas íngremes e empedradas e Respeitador estaria sem dúvida profundamente empenhado no acolhimento das suas delegações comerciais. E era provável que Urtiga ainda estivesse muito zangada comigo, o que eu merecia por inteiro. Não fazia mal deixar que o tempo lhe arrefecesse um pouco o estado de espírito.

Achei a estrada mais larga do que a recordava, com árvores cortadas de ambas as margens e muito menos buracos e extensões lamacentas do que me lembrava. E a cidade estava mais perto do que estivera, pois a sua extensão de casas e lojas tinha começado a subir a estrada até ao castelo. Uma área que em tempos fora floresta era agora arredores da cidade, com todas as espécies de mercados, uma taberna barata chamada Guarda de Cervo e aquilo que suspeitei ser um bordel por trás. A porta do Truta Obscena estava saída dos gonzos e um estalajadeiro carrancudo encontrava-se a repará-la. Mais adiante, a antiga Cidade de Torre do Cervo mostrava-se embelezada para o dia de festa que se aproximava, com grinaldas, ramos de pinheiro e galhardetes de cores vivas. As ruas estavam movimentadas, não só com entregas a tabernas e estalagens, mas com todos os viajantes e comerciantes que prosperavam durante uma festa.

Precisei de algum tempo para encontrar as coisas de que necessitava.

Numa loja que estava obviamente habituada a servir soldados e guardas encontrei duas camisas baratas já feitas que quase me serviam, um colete comprido de lã castanha, um manto pesado e umas quantas calças que serviriam durante algum tempo. Tive de sorrir quando me apercebi de que me acostumara a roupa de muito melhor qualidade. Depois de dedicar a isso um pensamento, dirigi-me ao alfaiate onde fui rapidamente medido e me foi prometido que teria roupa pronta antes de se passarem dois dias. Temia ter de ficar em Torre do Cervo pelo menos esse tempo, mas referi que se a roupa ficasse pronta mais depressa, pagaria um extra. Estimei atrapalhadamente a altura e muito diminuída largura do Bobo e eles disseram-me que, se regressasse ao fim da tarde, teriam roupa interior e dois roupões utilizáveis prontos para ele. Disse-lhes que ele estava doente e agradeceria tecidos suaves. As moedas que lá deixei prometiam trabalho rápido.

Concluídas essas compras necessárias, dirigi-me para onde a música e um caos alegre dominavam as ruas. Ali estava o Festival de Inverno da minha juventude: fantoches e malabarismo, canções e danças, vendedores a oferecer doces e saborosos rebuçados, bruxas ambulantes a vender poções e amuletos, raparigas com grinaldas de azevinho e todas as alegrias ruidosas por que o coração podia ansiar. Tive saudades de Moli e ansiei ardentemente por ter Abelha a meu lado, a experimentar aquilo comigo.

Comprei-lhe coisas. Fitas com campainhas, doces, um colar de prata com três aves de âmbar, um pacote de nozes temperadas, um lenço verde com estrelas amarelas nele cosidas, uma pequena faca de cinto com um bom cabo de chifre e depois um saco de tela para transportar tudo. Ocorreu-me que um mensageiro podia levar-lhe aquele saco com igual facilidade com que levaria uma simples carta minha, portanto enchi-o. Um colar feito de conchas sarapintadas vindas de alguma praia distante, um saquinho perfumado para a sua arca de lãs de inverno e por aí fora, até mal conseguir fechar o saco. Por enquanto o dia era de céu azul, com um vento fresco que cheirava a oceano. Um dia maravilhoso, e eu tive prazer em imaginar o seu deleite com todas as bugigangas que descobriria naquele saco. Enquanto ia tardando no meio daquela alegria, pensei nas palavras que escreveria na carta que acompanharia o saco, letras escritas de forma simples e clara para que ela pudesse ler pessoalmente os meus pensamentos e soubesse quanta

pena tinha de a ter deixado para trás. Mas o vento depressa soprou um novo banco de nuvens de neve cinzentas-escuras. Estava na altura de regressar ao castelo.

Passei pelo alfaiate no caminho de regresso e fui recompensado com roupa para o Bobo. Ao sair, nuvens baixas que tinham estado no horizonte cobriram a cidade. Começou a cair neve, o vento arreganhou os dentes e eu apressei-me a subir a estrada íngreme de regresso ao castelo. À porta, fui deixado entrar tão facilmente como saíra: as delegações comerciais e a festa do Festival de Inverno queriam dizer que os guardas tinham recebido ordens para ser generosos com as pessoas que deixavam passar.

Mas isso fez-me lembrar de que ainda havia um problema que teria de resolver em breve. Precisava de uma identidade. Quando fizera a barba para agradar à minha filha, não só o pessoal de Floresta Mirrada mas até Enigma tinham ficado espantados com a minha aparência jovem. Após todos os anos que eu passara ausente do Castelo de Torre do Cervo, temia apresentar-me como Tomé Texugo e não só porque a madeixa branca no cabelo que dera origem a esse nome há muito desaparecera. As pessoas que se lembravam de Tomé Texugo esperariam um homem de sessenta anos, não alguém que parecia ter trinta e poucos.

Em vez de usar a entrada das cozinhas, dei a volta até um átrio lateral e entrei por uma porta basicamente reservada a correios e criados de estatuto mais elevado. O volumoso saco deu-me entrada e, ao único submordomo que me perguntou o que eu queria, respondi que trazia uma encomenda para a Dama Urtiga e fui deixado passar.

As tapeçarias nas paredes e a mobília do castelo tinham mudado ao longo dos anos, mas a hierarquia básica das salas mantinha-se constante desde a minha infância. Subi uma escada de criados, cheguei ao andar reservado para a nobreza menor, passei algum tempo a aparentar estar à espera de que alguém me deixasse entrar num dos aposentos que aí havia e, assim que o corredor ficou vazio, ganhei acesso ao andar seguinte e à porta dos antigos aposentos da Dama Timo. A chave girou suavemente e eu entrei no quarto. A entrada escondida para o velho quarto de Breu ficava num guarda-roupa cheio de velha e bafienta roupa de mulher.

Rastejei pelo guarda-roupa tão desajeitadamente como fizera na noite anterior e dei por mim a interrogar-me sobre se todo o secretismo

de Breu seria realmente necessário. Eu sabia que o Bobo pedira aqueles aposentos porque ainda temia perseguição, mas confiava que a nossa passagem pelas pedras frustraria qualquer um que andasse a segui-lo. Depois lembrei-me de como a rapariga Branca morrera, com parasitas a devorar-lhe os olhos, e decidi que a cautela era sempre o melhor caminho. Manter o Bobo bem escondido não podia fazer mal nenhum.

Um dos servidores secretos de Breu tinha visitado aqueles aposentos enquanto eu andara por fora. Precisava de o conhecer. Ou a ela. A roupa nojenta do Bobo fora levada e a banheira esvaziada e empurrada para o canto. Os pratos e copos da noite anterior tinham sido arrumados. Uma pesada panela de faiança estava tapada ao fundo da lareira, mas o cheiro da carne de vaca estufada conseguira mesmo assim escapar e perfumar o quarto. Uma toalha fora posta na mesa e um pão enrolado num pano limpo e amarelo repousava ao lado de um pequeno prato de manteiga pálida de inverno. Havia uma poeirenta garrafa de vinho tinto e um par de copos, ao lado de pratos e talheres.

Provavelmente era Kettricken a responsável pelas duas confortáveis camisas de dormir de linho dobradas sobre a cadeira. Dois pares de calças largas do mesmo tecido acompanhavam-nas. Meias de dormir de lã de cordeiro estavam bem enroladas, formando bolas. Sorri, achando muito possível que a minha antiga rainha tivesse atacado o seu próprio guarda-roupa para obter aquelas coisas suaves. Apanhei a roupa e pousei-a aos pés da cama do Bobo.

As peças deixadas na segunda cadeira eram mais confusas. Uma espécie de vestido azul-celeste, com mangas pendentes e dúzias de botões a mais do que qualquer peça de vestuário necessitava para ser fechada repousava nas costas da cadeira. No assento, umas calças quase sensatas de lã preta terminavam em bainhas às riscas azuis e brancas. Os chinelos que estavam ao lado faziam lembrar um par de pequenos barcos, com pontas pontiagudas e viradas para cima e um salto grosso. Achei-os demasiado grandes para o Bobo mesmo se ele estivesse saudável o suficiente para andar por Torre do Cervo.

Estivera consciente da sua respiração profunda e regular desde que entrara no quarto. Era bom que ainda dormisse e reprimi o impulso infantil para o acordar e perguntar-lhe como se sentia. Em vez disso, encontrei papel e sentei-me à velha mesa de trabalho de Breu para compor a nota que enviaria a Abelha. Estava cheio de palavras,

consegui escrever um cumprimento, mas depois passei algum tempo a fitar o papel. Havia tanto que precisava de dizer, desde garantias de que regressaria depressa até conselhos sobre como lidar com FitzVigilante e Esquiva. Poderia ter a certeza de que os dela seriam os únicos olhos a ler o que escrevesse? Esperei que sim, e, contudo, o meu antigo treino subiu para primeiro plano e decidi não colocar no papel nenhuma palavra que pudesse criar má vontade contra ela. Portanto escrevi apenas que esperava que ela gostasse daquelas coisinhas. Como há muito prometera, havia uma faca para o seu cinto, que confiava que usasse com sensatez. Fiz-lhe lembrar de que regressaria para casa assim que pudesse e que esperava que ela usasse bem o seu tempo enquanto eu estivesse longe. Não lhe ordenei que estudasse muito com o seu novo tutor. Na verdade, esperava que, com a minha ausência e o Festival de Inverno, pusessem as lições de parte durante algum tempo. Mas também não coloquei essa ideia no papel. Em vez disso fechei a mensagem com a esperança de que ela tivesse desfrutado do Festival de Inverno e dizendo que sentia umas saudades terríveis dela. Depois fiquei algum tempo sentado a garantir a mim mesmo que pelo menos Pândego se asseguraria de que haveria algumas festividades no dia de festa. Eu tivera a intenção de encontrar alguns menestréis naquele dia fatídico em Margem de Carvalhos. A cozinheira Nozmoscada propusera uma ementa que Pândego embelezara. Estava agures sobre a minha secretária, em casa.

Eu tinha de agir melhor com a minha filha. Tinha de o fazer, portanto, fá-lo-ia. Mas havia pouco que pudesse fazer sobre isso até voltar para casa. Os presentes teriam de bastar até poder estar lá para Abelha.

Enrolei a nota e ate-i-a com um pouco do cordel de Breu. Encontrei a sua cera para selos, derreti um pouco para cima do nó e marquei-a com o meu anel de sinete. Nada do cervo em carga de FitzCavalaria Visionário, só a pegada de texugo que pertencia ao Depositário Tomé Texugo. Endireitei-me e espreguicei-me. Teria de encontrar um correio.

A minha Manha espetou as orelhas. Dilataram-se-me as narinas, tentando encontrar um odor. Não me mexi, mas deixei o olhar percorrer a sala. Ali. Atrás de uma pesada tapeçaria que mostrava cães a perseguir um veado e escondia uma das entradas secretas do quarto, alguém respirava. Centrei-me no meu corpo. A minha respiração era silenciosa. Não estendi a mão para uma arma, mas desloquei o peso

para os pés, para poder levantar-me, mover-me, saltar ou cair ao chão num instante. Esperei.

“Não me ataqueis, senhor, por favor.” Uma voz de rapaz. As palavras tinham as vogais prolongadas de um moço do campo.

“Entra.” Não fiz promessas.

Ele hesitou. Depois, muito devagar, empurrou a tapeçaria para um lado e saiu para a luz sombria do aposento. Mostrou-me as mãos, a direita vazia, a esquerda a segurar num rolo. “Uma mensagem para vós, senhor. É tudo.”

Avaliei-o com cuidado. Jovem, talvez doze anos. O corpo ainda não virara a esquina que levava ao homem adulto. Ossudo, com ombros estreitos. Nunca seria um homem grande. Usava o azul de um pajem de Torre do Cervo. O cabelo era castanho e tão encaracolado como o de um cão de água e os olhos eram também castanhos. E era cauteloso. Mostrara-se, mas não entrara muito na sala. Que tivesse detetado perigo e se me tivesse anunciado fazia-o subir na minha avaliação.

“Uma mensagem de quem?”, perguntei.

A ponta da língua humedeceu-lhe os lábios. “Um homem que sabia como vo-la enviar até aqui. Um homem que me ensinou a forma de chegar aqui.”

“Como sabes que é a mim que ela se destina?”

“Ele disse que estariéis aqui.”

“Mas qualquer pessoa podia estar aqui.”

Ele abanou a cabeça mas não discutiu comigo. “Nariz quebrado há muito tempo e sangue velho na camisa.”

“Então traz-ma.”

Ele aproximou-se como uma raposa com ideias de roubar um coelho morto a uma armadilha. Caminhou com leveza e não tirou os olhos de mim. Quando chegou à beira da mesa, pousou o rolo e deu um passo atrás.

“É tudo?”, perguntei-lhe.

Ele passou os olhos pela sala, olhou para a lenha e a comida. “E qualquer outra coisa que queirais que vos vá buscar, senhor.”

“E o teu nome é...?”

Voltou a hesitar. “Cinza, senhor.” E aguardou, observando-me.

“Não preciso de mais nada, Cinza. Podes ir.”

“Senhor,” respondeu ele. Recuou, sem se virar e sem tirar os olhos

de mim. Retirou um lento passo após outro até as mãos tocarem a tapeçaria. Depois enfiou-se por trás dela. Eu esperei mas não ouvi o roçar dos seus passos na escada.

Passado um momento, ergui-me em silêncio e deslizei até à tapeçaria. Mas quando a puxei para trás, foi o ar vazio que enfrentou o meu olhar. Ele desaparecera como se nunca tivesse estado ali. Permiti-me um aceno de cabeça. À terceira tentativa, Breu parecia ter encontrado um aprendiz digno. Perguntei a mim mesmo quanto do treino seria feito por ele ou se seria a Dama Rosamaria a ensinar o rapaz, e onde o teriam encontrado... e depois afastei com firmeza essas questões da cabeça. Não tinha nada a ver com isso. E se fosse sensato, faria poucas perguntas e envolver-me-ia o mínimo possível no estado atual dos assassínios e da política em Torre do Cervo. A minha vida já era suficientemente complicada.

Tinha fome, mas achei melhor esperar um pouco mais para ver se o Bobo acordaria e comeria comigo. Voltei para a mesa de trabalho e puxei para mim o rolo de Breu. Bastaram as primeiras duas linhas para sentir de novo as teias da intriga de Torre do Cervo a apertarem-se à minha volta. “Já que estás aqui, com pouco para fazer além de esperar que a saúde dele melhore, estarás disposto a tornar-te útil? Foi-te fornecida roupa e foi plantada a expectativa de que a corte será visitada por Dom Feldspato de Cúspide, um domínio pequeno mas bem estabelecido, no canto noroeste de Cervo. Dom Feldspato é tão empedernido como o seu nome, amante de bebida, e há um boato de que uma mina de cobre nos seus domínios começou recentemente a produzir minério de muito boa qualidade. Por isso veio a Torre do Cervo a fim de participar nas negociações comerciais em curso.”

Havia mais. Não fui nem por uma vez mencionado pelo nome, a letra não era reconhecível como pertencente a Breu mas, oh, o jogo era-o claramente. Acabei de ler o rolo e fui examinar o bizarro vestuário que me tinha sido deixado. Suspirei. Ainda dispunha de algum tempo antes de ter de me ir juntar a eles para a refeição da noite e conversas no grande salão. Conhecia o meu papel. Falar pouco, ouvir muito e relatar a Breu todos os detalhes sobre quem me procurasse para fazer uma oferta e quão rica seria essa oferta. Não era capaz de imaginar qual era o jogo de grande escala. Sabia que Breu já teria decidido o que eu tinha de saber e me fornecera exatamente isso mesmo. Tecia as suas teias, como sempre fizera.

Contudo, apesar do aborrecimento, senti também um despertar do antigo entusiasmo. Era véspera do Festival de Inverno. As cozinhas do castelo deviam ter-se esmerado, haveria música, danças e gente de todos os Seis Ducados. Com a minha nova identidade e vestido de forma que atrairia a atenção sobre mim ao mesmo tempo que me identificaria como forasteiro, voltaria a espiar para Breu como fizera em jovem.

Encostei o vestido ao corpo. Não. Não era um vestido, era um casaco comprido espalhafatoso e adamado que combinava com os sapatos pouco práticos. Os botões eram de osso tingido, esculpidos na forma de minúsculos ramos de flores azuis, e não estavam só na parte da frente mas também nas longas mangas. Montes de botões. Botões que não abotoavam nada mas eram mera ornamentação. O tecido era suave, de uma espécie que eu nunca vira, e, quando ergui a peça pelos ombros, mostrou-se muito mais pesada do que eu esperara. Franzi o sobrolho e depois compreendi rapidamente que os bolsos secretos já tinham sido enchidos por mim.

Encontrei um conjunto muito bom de pequenas gazuas e uma minúscula serra de dentes finos. Noutro bolso havia uma lâmina extremamente afiada do tipo preferido dos carteiristas. Duvidei ser suficientemente destro para trabalhar nesse ofício. Das poucas vezes que me servira dele para Breu não fora para obter moedas, mas para ver que notas de amor estavam na bolsa de Majestoso ou que criado parecia possuir muito mais dinheiro do que um honesto servidor traria consigo. Anos antes. Tantos anos antes.

Ouvi um pequeno gemido vindo da cama do Bobo. Pus o casaco sobre o braço e apressei-me a ir ter com ele. “Bobo. Estás acordado?”

A testa dele estava enrugada, os olhos fechados com força mas, ao ouvir a minha voz, algo que quase se pareceu com um sorriso dobrou-lhe a boca. “Fitz. É um sonho, não é?”

“Não, amigo. Estamos aqui em Torre do Cervo. E em segurança.”

“Oh, Fitz. Eu nunca estou em segurança.” Tossiu um pouco. “Julguei que estava morto. Fiquei consciente, mas não havia nenhuma dor e eu não estava frio. Portanto julguei que estava morto, finalmente. Depois mexi-me e todas as dores despertaram.”

“Lamento, Bobo.” Era eu o culpado dos seus ferimentos mais recentes. Não o reconhecera quando o vira agarrado a Abelha. Por isso correria para salvar a minha filha de um pedinte doente e possivelmente

louco, só para descobrir que o homem que apunhalara meia dúzia de vezes era o mais antigo amigo que tinha no mundo. A rápida cura pelo Talento que lhe impusera fechara os ferimentos de faca e impedira-o de sangrar até morrer. Mas também o enfraquecera e, no decurso dessa cura, eu tomara consciência da variedade de antigos ferimentos e das infeções que ainda o devastavam. Isso iria matá-lo, lentamente, se eu não conseguisse ajudá-lo a ganhar força suficiente para uma cura mais meticulosa. “Tens fome? Há junto da lareira carne de vaca cozinhada, muito tenra. E vinho tinto e pão. E manteiga.”

Ele ficou algum tempo em silêncio. Os seus olhos cegos eram de um cinzento mortiço à luz fraca da sala. Moviam-se na sua cara como se ele ainda tentasse ver por eles. “A sério?”, perguntou numa voz trémula. “A sério que há essa comida toda? Oh, Fitz. Quase nem me atrevo a mexer-me para não acordar e descobrir que o calor e as mantas não passam de um sonho.”

“Então queres que te leve a comida para aí?”

“Não, não, não faças isso. Eu faço uma confusão tão grande. Não é só não conseguir ver, são as minhas mãos. Tremem. E têm espasmos.”

Moveu os dedos e eu senti-me doente. Numa mão, todas as fofas almofadas dos dedos tinham sido cortadas, deixando pontas cheias de grossas cicatrizes. Os nós dos dedos de ambas as mãos estavam demasiado grandes nos dedos ossudos. Ele em tempos tivera umas mãos tão elegantes, umas mãos tão hábeis para malabarismos, marionetas e escultura em madeira. Afastei delas o olhar. “Então vem. Vamos levar-te de volta à cadeira junto da lareira.”

“Então deixa-me ir à frente e não me avises a menos que haja um desastre. Gostava de aprender a disposição da sala. Tornei-me muito hábil a reconhecer salas desde que me cegaram.”

Não consegui arranjar resposta para dar àquilo. Ele apoiou-se pesadamente no meu braço, mas deixei que abrisse caminho às apalpadelas. “Mais para a esquerda,” acautelei-o uma vez. Ele coxeava, como se cada passo dado sobre os pés inchados lhe doessem. Perguntei a mim mesmo como teria conseguido vir até tão longe, sozinho e cego, a seguir estradas que não conseguia ver. Mais tarde, disse a mim mesmo. Mais tarde haveria tempo para essa história.

A sua mão estendida tocou nas costas da cadeira e depois apalpou-a até dar com o braço. Precisou de algum tempo para manobrar até

à cadeira e se instalar nela. O suspiro que soltou não foi de contentamento, mas de conclusão de uma tarefa difícil. Os seus dedos dançaram levemente sobre o tampo da mesa. Depois aquietou-os sobre as coxas. “A dor é forte, mas acho que consigo aguentar a viagem de regresso, mesmo com a dor. Vou descansar aqui durante algum tempo e sarar um pouco. Depois, juntos, vamos voltar e queimar aquele ninho de víboras. Mas vou precisar da minha visão, Fitz. Enquanto nos dirigirmos para Clerres tenho de ser para ti uma ajuda, não um estorvo. Juntos, vamos levar-lhes a justiça que merecem.”

Justiça. Senti-me embebido pela palavra. Breu sempre chamara às nossas tarefas de assassinos “trabalho discreto” ou “a justiça do rei”. Se eu aceitasse aquela sua tarefa, o que seria? A justiça do Bobo? “Comida dentro de um momentinho,” disse, deixando a preocupação dele sem resposta para já.

Não confiei que ele tivesse a sensatez de se controlar na quantidade de comida que ingeria. Pus-lhe a comida no prato, uma pequena porção de carne cortada em bocados pequenos e pão com manteiga cortado às fatias. Servi-lhe vinho. Peguei-lhe na mão, tencionando guiá-la até ao prato, mas não o avisara e ele saltou para trás como se eu o tivesse queimado com um atizador, quase derrubando os pratos. “Desculpa,” exclamámos ambos em unísono. Isso fez-me sorrir, mas ele não sorriu.

“Estava a tentar mostrar-te onde se encontra a comida,” expliquei numa voz suave.

A cabeça dele ficou caída, como se estivesse a olhar para o chão, envergonhado. “Eu sei,” disse em voz baixa. Depois, como ratos tímidos, as suas mãos aleijadas subiram até à borda da mesa e depois ousaram avançar cautelosamente até encontrarem a borda do prato. As mãos moveram-se levemente sobre o prato, tocando o que lá se encontrava. Pegou num bocado de carne e pô-la na boca. Comecei a dizer-lhe que havia um garfo ao lado do prato. Detive-me. Ele sabia. Eu não ia corrigir um homem atormentado como se fosse uma criança esquecida. As mãos caranguejaram até ao guardanapo e encontraram-no.

Comemos juntos em silêncio durante algum tempo. Quando acabámos o que estava no prato, ele pediu baixinho se eu lhe podia cortar um pouco mais de carne e pão. Enquanto o fazia, perguntou de repente: “Então? Como foi a tua vida enquanto eu andei por longe?”

Comengelei durante um momento. Depois transferei a carne cortada

para o prato dele. “Foi uma vida,” disse, e fiquei espantado com a firmeza da minha voz. Procurei palavras, sem as encontrar; como é que se sumariza vinte e quatro anos? Como é que se conta um namoro, um casamento, uma filha e uma viuvez? Comecei.

“Bom. Aquela última vez que te deixei? Perdi-me no pilar de Talento a caminho de casa. Uma passagem que não tinha demorado mais que momentos nas viagens anteriores levou-me meses. Quando o pilar finalmente me cuspiu, fiquei quase sem sentidos. E quando os recuperei, alguns dias mais tarde, descobri que tinhas estado lá e partido. Breu deu-me o teu presente, a escultura. Conheci finalmente Urtiga. Isso não correu bem, a princípio. Eu, ah, cortejei Moli. Casámos.” As palavras esgotaram-se-me. Mesmo contando a história daquela forma resumida, o coração quebrou-se-me por tudo o que tivera e tudo o que perdera. Quis dizer que tínhamos sido felizes. Mas não consegui aguentar colocar essa ideia no passado.

Ele proferiu as palavras formais: “Lamento a tua perda.” Vindas dele, eram sinceras. Fiquei apanhado de surpresa durante alguns momentos.

“Como foi que...?”

“Como foi que eu soube?” Ele soltou um ruídozinho incrédulo. “Oh, Fitz. Porque julgas tu que me fui embora? Para te deixar encontrar uma vida tão próxima quanto possível de ser aquela que eu sempre previ que se seguiria à minha morte. Foram tantos futuros em que, depois da minha morte, te vi cortejar incansavelmente Moli, ganhá-la de volta e finalmente obter alguma da felicidade e paz que sempre te fugiram quando eu andava por perto. Foram tantos os futuros em que previ que ela morreria e tu ficarias sozinho. Mas isso não desfaz o que vocês tiveram e isso era o melhor que eu podia desejar para ti. Anos com a tua Moli. Ela amava-te tanto.”

Recomeçou a comer. Fiquei muito imóvel. Tinha a garganta tão apertada que a dor quase me sufocou. Até respirar através desse nó era difícil. Apesar de cego, creio que ele estava ciente da minha angústia. Durante muito tempo, comeu muito devagar, como que para prolongar tanto a refeição como o silêncio de que eu precisava. Limpou devagar o resto do molho de carne do prato com o último bocado de pão. Comeu-o, limpou os dedos no guardanapo e depois fez avançar a mão às apalpadelas até ao vinho. Ergueu-o e beberricou, com uma expressão

quase beatífica. Pousou o copo e depois disse baixinho: “As memórias do dia de ontem são muito confusas para mim.”

Eu mantive o silêncio.

“Tinha caminhado durante a maior parte da noite anterior, acho eu. Lembro-me da neve e de saber que não podia parar até encontrar alguma espécie de abrigo. Tinha um bom pau, e não consigo expressar a ajuda que isso dá quando um homem não tem olhos. E tem pés em mau estado. Agora tenho dificuldade em andar sem um pau. Mas andei. Sabia que estava na estrada para Margem de Carvalhos. Agora me lembro. Uma carroça passou por mim, com o condutor a praguejar e a gritar-me para sair do caminho. Portanto, saí. Mas descobri os rastros que a carroça deixou na neve e soube que, se os seguisse, eles teriam de me levar a alguma espécie de abrigo. Portanto, caminhei. Fiquei com os pés entorpecidos, e isso queria dizer menos dor, mas cáí mais vezes. Acho que era muito tarde quando cheguei a Margem de Carvalhos. Um cão ladrou-me e alguém lhe gritou. Os rastros da carroça levaram a um estábulo. Não consegui entrar, mas havia uma pilha de palha e estrume lá fora.” Fechou os lábios por um momento e depois disse com ironia: “Aprendi que palha suja e estrume estão frequentemente quentes.”

Acenei com a cabeça e depois apercebi-me de que ele não me conseguia ver. “Pois estão,” concedi.

“Dormi um bocado e depois acordei quando a vila começou a movimentar-se à minha volta. Ouvi uma rapariga a cantar e reconheci uma das velhas canções do Festival de Inverno de quando vivia em Torre do Cervo. E assim soube que seria um bom dia para mendigar. As festas fazem sobressair a bondade em algumas pessoas. Portanto pensei que podia mendigar e tentar ingerir alguma comida e depois, se encontrasse alguém que parecesse gentil, pedir-lhe-ia para me pôr a caminho de Floresta Mirrada.”

“Então vinhas à minha procura.”

Ele confirmou lentamente com a cabeça. A mão voltou a procurar às apalpadelas o copo de vinho. Encontrou-o, bebeu moderadamente e pousou-o. “Claro que vinha à tua procura. Bom. Estava a mendigar, mas a lojista não parava de me atazanar para que me fosse embora. Eu sabia que devia ir. Mas estava tão cansado e o lugar onde me tinha instalado era abrigado do vento. O vento é uma coisa cruel, Fitz. Um dia frio mas suportável quando o ar está calmo transforma-se num constante

tormento quando o vento aumenta.” A voz silenciou-se e ele curvou os ombros como se mesmo a memória do vento pudesse gelá-lo agora.

“Depois, hmm. Apareceu um rapaz. Deu-me uma maçã. Depois a lojista amaldiçoou-me e gritou ao marido para me vir expulsar. E o rapaz ajudou-me a afastar-me da porta. E...” As palavras do Bobo faltaram-lhe. A cabeça moveu-se, baloiçando de um lado para o outro. Não creio que ele estivesse ciente do que fazia. Fez-me lembrar um cão de caça na tentativa de voltar a captar um cheiro perdido. Depois, palavras queixosas saltaram-lhe da boca. “Foi tão vívido, Fitz! Ele era o filho que eu procurava. O rapaz tocou-me e eu consegui ver com a visão dele. Consegui sentir a força que ele poderia vir a ter, um dia, se fosse treinado, se não fosse corrompido pelos Servos. Tinha-o encontrado e não consegui conter o meu júbilo.” Lágrimas amareladas escorreram-lhe lentamente dos olhos e começaram a cair-lhe pela cara cheia de cicatrizes. Lembrava-me demasiado bem do pedido que ele solicitara aos mensageiros para me entregarem: que eu procurasse o “Filho Inesperado.” Filho dele? Uma criança de que ele fora pai, apesar de tudo o que eu sabia a seu respeito? No tempo que passara desde que a sua mensageira me alcançara e depois morrera, eu matutara numa dúzia de possibilidades sobre quem a mãe de tal filho poderia ser.

“Encontrei-o,” prosseguiu o Bobo. “Perdi-o. Quando me apunhalaste.”

A vergonha e a culpa cobriram-me numa vaga. “Bobo. Lamento tanto. Se te tivesse reconhecido, nunca te teria magoado.”

Ele abanou a cabeça. Uma mão que mais parecia uma garra encontrou o guardanapo. Limpou a cara com ele. As palavras saíram tão roucas como o crocitar de um corvo. “O que aconteceu, Fitz? O que foi que... te provocou a tentares matar-me?”

“Confundi-te com alguém perigoso. Alguém capaz de magoar uma criança. Saí da taberna à procura da minha filhinha.”

“Tua filhinha?” As palavras dele intrometeram-se na minha explicação num grito incrédulo.

“Sim. A minha Abelha.” Apesar de tudo o resto, sorri. “Moli e eu tivemos uma filha, Bobo, uma rapariga minúscula.”

“Não.” A negativa era absoluta. “Não. Não tiveram outro filho em nenhum futuro que eu tenha visto.” Tinha a testa enrugada. Cheia de cicatrizes como a cara estava, não era fácil ler-lhe as emoções, mas

parecia quase furioso. “Eu SEI que teria visto isso. Sou o verdadeiro Profeta Branco. Eu teria visto isso.” Bateu com a mão na mesa, sacudiu-se de dor e aninhou-a contra o peito. “Eu teria visto isso,” insistiu em voz mais baixa.

“Mas tivemos,” disse eu suavemente. “Eu sei que é difícil acreditar. Nós julgámos que não podíamos. Moli disse-me que o seu período fértil já tinha passado. Mas depois tivemos Abelha. A nossa pequenina.”

“Não.” Ele disse a palavra com teimosia. Apertou os lábios com força e depois, abruptamente, o queixo tremeu-lhe como o de uma criança. “Não pode ser, Fitz, não pode ser assim. Como pode isso ser verdade? Se eu não vi um acontecimento tão imenso na tua vida, o que mais me escapou? Quão errado posso ter estado sobre tantas outras coisas? Estaria errado sobre mim próprio?” Silenciou-se durante algum tempo. Os seus olhos cegos mexeram-se de um lado para o outro, tentando encontrar-me. “Fitz. Não te zangues por eu fazer esta pergunta, porque tenho de a fazer.” Hesitou e depois perguntou num sussurro: “Tens a certeza? Podes garantir que é verdade? Estás certo de que a criança foi tua e não só de Moli?”

“Ela é minha,” disse eu taxativamente. Estava espantado com o quanto me senti insultado pelas palavras dele. “Decididamente minha,” acrescentei num desafio. “Tem um ar das Montanhas, como a minha mãe.”

“A mãe de que mal te lembras.”

“Lembro-me dela o suficiente para dizer que a minha filha se parece com ela. E lembro-me de Moli bem o suficiente para saber que Abelha é minha filha. Sem qualquer questão. Bobo, isto não é digno de ti.”

Ele baixou os olhos e inclinou a cabeça. “Há tão poucas coisas que ainda são,” decidi. Levantou-se com um sacolejo que abanou a mesa. “Vou voltar para a cama. Não me sinto bem.” Afastou-se de mim a arrastar os pés, com uma mão nodosa a apalpar o ar à sua frente enquanto a outra se enrolava, protetora, perto do queixo.

“Eu sei que não estás bem,” respondi, de súbito arrependido da dureza com que o censurara. “Não estás em ti, Bobo. Mas vais voltar a estar. Vais voltar a estar.”

“Achas que sim?,” perguntou ele. Não se virou para mim, falou para o ar vazio à sua frente. “Eu próprio não tenho essa certeza. Passei mais de uma década com pessoas que insistiam que nunca fui quem julguei

ser. Nunca o Profeta Branco, só um rapaz com sonhos vívidos. E o que acabaste de dizer leva-me a perguntar a mim mesmo se eles não teriam razão.”

Detestei vê-lo tão derrotado. “Bobo. Lembra-te do que me disseste há tanto tempo. Movemo-nos agora num tempo que nunca previste. Um tempo em que estamos ambos vivos.”

Ele não deu resposta às minhas palavras. Chegou à cama, seguiu às apalpadelas ao longo da beira, depois virou-se e sentou-se nela. Depois mais caiu do que se deitou, puxou as mantas por cima da cabeça e ficou completamente imóvel.

“Digo-te a verdade, velho amigo. Tenho uma filha, uma rapariguinha que depende de mim. E não posso deixá-la. Tenho de ser eu a criá-la, a ensiná-la e a protegê-la. É um dever que não posso pôr de parte. E é um dever que não posso abandonar.” Fui arrumando enquanto falava, limpando a comida que ele derramara, rolhando o que restava do vinho. Esperei e o meu coração continuou a afundar-se quando ele não deu resposta. Por fim, disse: “O que me pediste para fazer na noite passada. Eu fá-lo-ia por ti. Sabes que sim. Se pudesse, fá-lo-ia. Mas agora peço-te, como me pediste na noite passada: por mim, compreende que tenho de te dizer não. Por agora.”

O silêncio desenrolou-se como uma bola de fio caída. Eu dissera as palavras que tinha de dizer e o sentido delas haveria de o alcançar. Ele não era um homem egoísta nem cruel. Haveria de reconhecer a verdade do que lhe dissera. Eu não podia ir a lado nenhum com ele, por mais que alguém precisasse de ser morto. Tinha uma filha para criar e proteger. Abelha tinha de ter prioridade. Fui até junto da cama e alisei a roupa do meu lado. Era possível que ele tivesse adormecido. Falei baixinho.

“Não posso estar aqui esta noite,” disse-lhe. “Breu tem uma tarefa para mim. Posso só voltar muito tarde. Vais ficar bem aqui sozinho?”

Ainda nada de resposta. Perguntei-me se ele teria mesmo adormecido assim tão depressa ou estaria amuado. *Deixa-o em paz, Fitz*, aconselhei-me. Ele era um homem doente. O descanso faria mais por ele do que qualquer outra coisa.